

8.

Reflexões e considerações finais

Neste capítulo, retomaremos o tema e os objetivos propostos para a pesquisa, procurando responder às perguntas norteadoras do estudo presentes na introdução.

As perguntas norteadoras foram: (i) Como os jovens universitários com dislexia fazem construções de si mesmos em narrativas sobre suas experiências de vida? (ii) Como os jovens universitários com dislexia constroem (o) outro(s), trazendo as questões da escola e da família? (iii) Como os jovens universitários com dislexia desenvolvem processos de autorreflexão, de autoconhecimento e de busca por novos caminhos em relação às dificuldades geradas pela dislexia?

A investigação foi feita a partir de entrevistas de pesquisa com jovens universitários com dislexia que, nos encontros realizados individualmente com a pesquisadora, narraram experiências ligadas ao distúrbio nos contextos da escola e da família.

Destacamos, em nossa reflexão final: (a) a produtividade dos construtos teóricos e analíticos com foco em narrativas e identidades na ordem da interação, em uma perspectiva sociocultural de ordem micro e macro do discurso; (b) os resultados de análise dos capítulos; (c) as contribuições da pesquisa, em termos de inteligibilidades e de seus desdobramentos.

8.1

Sobre os construtos teóricos e analíticos

Como detalhamos no capítulo de fundamentação teórica, os construtos teóricos e analíticos situaram-se no campo dos estudos da narrativa e da identidade, envolvendo relações de alteridade, processos de estigmatização e de manipulação de informação. Foram também estabelecidos mecanismos norteadores da análise das construções identitárias de si e do outro a partir da noção de dêixis, da polifonia e do discurso relatado.

Os construtos sobre narrativa, no decorrer dos capítulos, mostraram-se produtivos para tratar das narrativas de experiências de vida dos participantes e de narrativas como episódios particulares, coconstruídas nas entrevistas de pesquisa. A concepção de histórias

de vida (Linde 1993) foi importante para o estabelecimento das narrativas de experiências de vida, enquanto uma categoria narrativa mais ampla. A concepção de narrativa de experiência pessoal laboviana foi utilizada como parâmetro de análise, mas houve necessidade de reelaborações, considerando que, em muitos casos, as narrativas não eram canônicas e se mostravam com foco em situações particulares de experiências de vida dos participantes. As abordagens de Mishler (1986) e de Schegloff (1997), em relação ao papel do ouvinte nas entrevistas, foram muito importante, para análise da coconstrução das narrativas entre os universitários e a pesquisadora. Destacamos que, ao longo do estudo, usamos alternativamente histórias e narrativas, nem sempre fazendo distinção entre ambas.

Para a análise, focamos a construção das identidades, vistas como não fixas, fragmentadas e modificadas a cada momento da interação, dentro dos relatos de experiência com a dislexia, considerando que é através das narrativas que os indivíduos organizam não apenas histórias importantes para eles, mas negociam e constroem identidades, papéis e avaliações de si e do outro, projetando *self* emotivo, reflexivo ou crítico. A concepção de identidade construída no contexto das narrativas foi essencial, na medida em que, no decorrer da interação, os participantes da pesquisa construíram as suas identidades e as identidades de outro(s), na escola e na família, em relação de alteridade, em suas relações conflituosas ou harmônicas. A perspectiva interacional, mas, sobretudo histórica, foi importante, porque os jovens universitários configuravam e reconfiguravam suas identidades ao longo de suas narrativas de experiências de vida, com avaliações e reflexões sobre passado e presente, envolvendo a infância e a fase adulta.

Consideramos também a emergência de processos de estigmatização e de manipulação de informação nas relações, apontando como a noção de alteridade pode ser importante para a construção que os sujeitos desenvolvem de si mesmos, mediante a presença da polifonia e do discurso relatado como forma de legitimação ou dramatização das histórias construídas no momento da entrevista. Os processos de estigmatização estiveram presentes nas construções identitárias, de forma extremamente importante, em relação a si e ao outro. Foram também significativos os mecanismos de dêixis, de polifonia, de discurso relatado.

Pontos que requerem elaborações futuras são os tipos de narrativas específicas, com um tratamento teórico complementar. O discurso relatado, presente em quase todos os

segmentos, deve ser estudado a partir das suas multiplicidades de funções. A relação entre polifonia e estrutura de participação requer estudos futuros. Houve também a manifestação de avaliações, reflexões, argumentação que vão além do estudo no contexto de narrativas específicas e são fenômenos linguísticos que suscitam outros estudos.

8.2

Sobre os resultados de análise dos capítulos

A análise de dados em três capítulos foi produtiva para mostrar as narrativas de experiências no contexto da escola e da família, a auto-reflexão, agentividade e criação de inteligibilidades dos próprios universitários, sobre a dislexia. No último capítulo de análise, são os universitários que trazem as reflexões, não o pesquisador.

Em um primeiro momento, destacamos a coconstrução entre os participantes de pesquisa e a pesquisadora que, por muitas vezes, mostra-se engajada, participativa e com alto envolvimento nas interações propostas com os jovens universitários, o que incentiva a sustentação do desenvolvimento das narrativas e das construções que emergem a partir delas. Embora não existisse alguma relação próxima entre os participantes antes da pesquisa, é no momento da interação que muitas vezes se alinham, projetando, inclusive, *self* emotivo, avaliações convergentes e afinidades.

Isabela e Ricardo, jovens universitários com dislexia, constroem identidades que apontam agentividade desde a infância até o início da vida adulta. Por muitas vezes, utilizam os mesmos recursos para estabelecer construções ou percepções sobre eles mesmos, sobre a escola, sobre a família, sobre a dislexia ou ainda sobre o conjunto que engloba essa complexa rede de relações.

Isabela constrói-se, através de discursos relatados e processos argumentativos, como uma jovem que aponta suas próprias dificuldades aos adultos, que supera obstáculos impostos pela dislexia e pela falta de entendimento das pessoas ao seu redor, que tenta, no presente, impor para si mesma atividades que a façam escrever e direcionar atenção nas aulas da universidade. Para construir sua própria identidade no passado, ainda na escola, utiliza também recursos retóricos e prosódicos para atribuir dramaticidade às narrativas em que também é construída como frágil, dependente da atitude de terceiros e fora do padrão

no que diz respeito à estética física (altura, peso, formato dos cabelos). É, dessa forma, discursivamente habilidosa não apenas porque envolve o ouvinte, mas porque desenvolve recursos que contrapõem distintas identidades em diferentes épocas da vida.

Já Ricardo, através de um discurso com contornos científicos, constrói-se como rapaz cuja dislexia é geradora de aprendizagens. Ricardo é por ele construído também, ao longo da interação, na fase da infância, como uma criança com habilidades para as artes e envolvido com eventos na escola. Através do entrecruzar de narrativas hipotéticas e reais sobre experiências a partir do distúrbio, Ricardo constrói personagens que o representam e vivenciam as experiências que ele viveu na infância. Dentro de suas narrativas, Ricardo constrói-se como criança estigmatizada que, na vida adulta, escolhe, segundo Goffman, manipular informações por acreditar que o ônus de dizer-se disléxico é maior que os direitos resguardados pela lei.

No que diz respeito ao outro no contexto da escola, percebemos a construção identitária da orientadora do setor educacional por parte de Isabela que, através do discurso relatado, avalia como a orientadora a constrói, sempre de forma negativa, tornando-a desacreditada. É, por isso, nas construções de Isabela, a perseguidora que não cumpre sua função social, que é a de orientar e auxiliar, pedagogicamente, a vida escolar dos alunos. É na polifonia proporcionada pelos discursos da narradora, da pesquisadora e da orientadora que vozes se confrontam e trazem identidades divergentes de Isabela. Se, para a escola, personificada pela jovem através das vozes hipotéticas ou não que constrói, a universitária é relapsa, desatenta, descompromissada, na sua própria voz é agentiva, valente, disposta a enfrentar os desafios gerados pelo distúrbio. Na voz da entrevistadora é, ainda, alguém cuja história de vida é interessante e deve ser divulgada. A partir das vozes que personificam a escola e permitem a avaliação da jovem universitária como instituição não competente para lidar com seus problemas, Isabela se constrói e reconstrói em diferentes momentos da entrevista.

Nas narrativas de Isabela, há também a construção identitária de Carla, avaliada a partir de sua identidade social e profissional, visto que é construída, através dos discursos relatados que trazem a voz de uma docente rígida, como a professora que cobra atenção e participação da aluna disléxica que se sente motivada diante dela. Carla é construída, através de um discurso mais afetivo relatado pela jovem universitária, também como pessoa

compreensiva que entende as etapas vivenciadas pela jovem universitária. Mais que isso, é construída como alguém que valoriza e é responsável pela escolha profissional da aluna, que se entende como acreditada nos diálogos que constrói com a professora nas narrativas que relata dentro da movimentação interacional desenvolvida na entrevista de pesquisa.

Ainda no contexto da escola, percebemos que Ricardo constrói as professoras do colégio onde estudou como inaptas para lidar com sua dislexia, descoberta ainda na infância. Através das identidades sociais delas, as professoras aparecem como pessoas que reforçam o estigma de Ricardo, que também é confirmado pela voz construída do professor que o compara com um macaco. Nas construções de Ricardo, o professor é insensível, incompetente. Em contrapartida, Ricardo constrói a vizinha de Friburgo e o professor de inglês como grandes colaboradores no processo de alfabetização e de busca por informações por parte de sua mãe.

No contexto da família, analisamos que tanto Ricardo quanto Isabela recorrem às identidades profissionais dos pais para construí-los nos relatos de experiência com a doença. Dessa forma, em boa parte das narrativas elaboradas, são as figuras da médica, do segurança, do advogado-professor-universitário e da dona da escola de música que aparecem em construção diante das avaliações dos jovens universitários.

Para Isabela, o papel social de médica, quase sempre ocupada, ora serve para justificar, negativamente, a ausência da mãe nas reuniões na escola, ora serve para justificar, positivamente, sua admiração por ela, avaliada pela jovem como “exemplo para tudo na vida”. As vozes que constituem diálogos relatados por Isabela dentro das narrativas revelam os embates vivenciados entre mãe e filha e os apelos da jovem universitária por atenção de uma mãe que, posteriormente, é revelada como depressiva. A identidade do pai, também revelada a partir de seu papel social, segurança, é construída com discursos relatados sempre alinhados aos de Isabela. O pai, entretanto, é elaborado como o provedor, o apoiador, alguém com que Isabela pode contar e que se contrapõe com a mãe durante toda a interação estabelecida durante a entrevista. A polifonia, nas narrativas de Isabela, confrontam pai, mãe e filha, fazendo emergir não só *self* crítico, quando constrói avaliações sobre negligências e responsabilidades, mas *self* emotivo quanto estabelece avaliações sobre o relacionamento com a mãe e sua falta de crença na filha.

Ainda no contexto da família, analisamos que Ricardo sobrepõe, em uma parte significativa da interação, a identidade de seu pai a partir de seu papel profissional. O pai é advogado e professor universitário exemplar. Já sua mãe, dona de escola de música formada tardiamente, tem a identidade de mãe heroica e agentiva sobrepondo-se ao papel profissional. Através da voz de um professor preocupado com os possíveis problemas de aprendizagem dos alunos na universidade, o pai de Ricardo é o docente diferenciado nas narrativas do filho. É quem forma novos advogados com ética e paixão pela profissão. Por essa razão, nos relatos de Ricardo, é o principal responsável por sua escolha profissional. Já a mãe é aquela que reconhece seus talentos e encoraja o filho a realizar atividades profissionalmente. Nas vozes que representam a família, trazidas à entrevista por Ricardo, sua família é harmônica, dedicada, presente no combate contra a dislexia e atuante nas decisões escolares.

8.3

Sobre inteligibilidades da pesquisa e seus desdobramentos

Em relação à criação de inteligibilidades que desencadeiam processos de reflexão e de autoconhecimento diante da dislexia, analisamos Isabela e Ricardo construindo narrativas que mesclam tempos verbais no presente e no passado e um alinhamento constante entre participantes e pesquisadora, que coconstruía com eles parte dessas inteligibilidades. Isabela projeta *self* crítico para avaliar a participação da escola e da família durante seu processo escolar e, a partir das suas próprias experiências pessoais e do uso de discurso relatado, representa sua própria voz no presente, avalia que tudo poderia ser diferente. Constrói-se, no presente, consciente da raiz de suas dificuldades, avaliando que tenta concentrar-se, escrever e procura os amigos para ajudá-la a superar problemas com a leitura. A presença do outro, nos relatos de Isabela, é uma constante, em alguns casos positiva e, em outros, negativa, que impulsiona sua agentividade.

Ricardo, por sua vez, constrói-se mais reflexivo e satisfeito com o que se tornou após ter vivenciado muitas experiências como disléxico, avaliando que o distúrbio faz parte de sua formação enquanto sujeito no mundo. Para isso, utiliza recursos hipotéticos,

estruturas condicionais e elementos retóricos para construir situações em que família, escola e demais profissionais estejam atentos às crianças com dislexia.

Ao longo da investigação, notamos o caráter reflexivo como Isabela e Ricardo construíram suas percepções, avaliando, através de narrativas, construções identitárias, discursos relatados, entre outros, a importância da família e da escola na construção da formação de uma pessoa com dislexia. Vimos emergir categorizações, estigmatizações e manipulações de informações na relação com o outro, nas avaliações projetadas por eles ou sobre eles nas diversas vozes que permearam os discursos trazidos pelos participantes e pela pesquisadora do estudo em questão.

Embora Ricardo e Isabela apresentem semelhanças em relação aos posicionamentos adotados durante a pesquisa, suas histórias familiares são, radicalmente, opostas. Ricardo teve, ao longo da vida, ajuda consistente, informada e sistemática. Isabela, por outro lado, não recebeu o mesmo apoio. A diferença do tratamento familiar trouxe diferentes percursos ao presente de ambos os entrevistados. Isabela dá início a sua agentividade apenas na adolescência, enquanto Ricardo já apresenta essa característica na infância.

Observar, estudar e analisar as identidades construídas na elaboração de narrativas de jovens universitários com dislexia, durante o discurso interacional, proporcionou uma visão mais reflexiva não apenas sobre as avaliações que projetamos nas entrevistas de pesquisa, em suas relações de ordem micro e macro, mas também um olhar mais direcionado sobre as interações e as ações realizadas pelos participantes, sobre as posturas e condutas assumidas por cada um deles, ressaltando como é importante a construção de um pensamento mais crítico acerca das identidades que, cotidianamente, são estigmatizadas e desacreditadas em contextos escolares e familiares onde os distúrbios de aprendizagem se fazem presentes.

Acreditamos que o estudo trouxe relevante contribuição no que tange à forma como se constroem as identidades estigmatizadas ou não, apontando novas perspectivas, tanto de mudanças de postura por parte de quem estigmatiza como por parte de quem é estigmatizado. Além disso, trouxe reflexões importantes que despertam o entendimento do papel do professor e da escola no desenvolvimento intelectual e emocional dos alunos que possuem dislexia. Trata-se, portanto, de um trabalho de cunho linguístico, interacional, educacional, social e humanitário.

Com certeza, este trabalho servirá de suporte para aqueles que desejarem dar continuidade aos estudos sobre narrativas, sobre identidades, sobre a dislexia e suas implicações afetivas, escolares, sociais. Para que uma mudança e um olhar ainda mais atento sejam ativados, fica aqui a necessidade de continuar estudos como os que tentamos promover, dando uma contribuição que servirá de suporte para aqueles que desejarem pesquisar sobre o tema e suas influências na sociedade em que vivemos.